

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v17i30.795>

SERTÃO E MODERNIDADE NAS FOTOGRAFIAS DA REVISTA BRASÍLIA¹

“SERTÃO” AND MODERNITY IN THE PHOTOGRAPHS OF BRASÍLIA MAGAZINE

“SERTÃO” Y MODERNIDAD EN LAS FOTOGRAFÍAS DE LA REVISTA BRASÍLIA

RÔMULO DE PAULA ANDRADE

Professor doutor do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde
(PPGHCS-COC/FIOCRUZ)

Niterói, Rio de Janeiro.

romulopa@gmail.com

Resumo: O presente artigo objetiva analisar as imagens produzidas para a revista *Brasília*, um dos principais meios de divulgação da construção da nova capital do país. Em meio a um intenso contexto de críticas às grandes obras do período, *Brasília* produziu um olhar oficial, positivo e moderno sobre aquela região. Produzidas pelos principais fotojornalistas da época, as fotografias trazem perspectivas características do neobandeirantismo dos anos JK. Nas fotografias, o padrão urbano-industrial tornara-se um signo do desenvolvimentismo, em oposição à ideia de atraso, identificada com um sertão idealizado pelos agentes políticos da época.

Palavras-chave: Desenvolvimento. História de Brasília. História e Fotografia.

Abstract: This article aims to analyze the images produced for Brasília magazine, one of the main divulgation media for the building of the country's new capital. In the midst of an intense context of criticism of the great constructions of the period, Brasília displayed an official, positive and modern look on that region. Produced by the main photojournalists of the time, the photographs bring perspectives that are characteristic of the JK years' neobandeirismo movement. In those photographs, the urban-industrial pattern had become a sign of development, as opposed to the idea of delay, which was associated to a sertão idealized by the political agents of the time.

Keywords: Development. Brasilia History. History and Photograph.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar las imágenes producidas para la revista *Brasília*, uno de los principales medios para publicitar la construcción de la nueva capital del país. En un intenso contexto de crítica a las grandes obras de la época, *Brasília* produjo una mirada oficial, positiva y moderna de esa región. Producidas por los principales fotoperiodistas de la época, las fotografías aportan perspectivas características de los años de JK, donde el patrón urbano-industrial se había convertido en un signo de desarrollo.

Palabras clave: Desarrollo. Historia de Brasilia. Historia y fotografía.

Introdução

A lei 2.784, de setembro de 1956, constituiu um marco para a história política brasileira. Através dela, ficava acertada a mudança da sede do governo para o planalto central,

¹ Artigo submetido à avaliação em janeiro de 2020 e aprovado para publicação em junho de 2020.

criando, para isso, a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (NOVACAP). Em seu artigo 19, a lei obrigava o órgão a divulgar os atos administrativos e os contratos celebrados por meio de um boletim mensal, por ela editado, e que seria distribuído aos membros do Congresso Nacional, às autoridades ministeriais, às repartições interessadas, às entidades de classe e aos órgãos de publicidade. Longeva, a revista teve seu primeiro número lançado em 1957 e foi publicada até 1988. Neste artigo, nossa ênfase recairá sobre o primeiro ciclo de publicação, tendo como fim 1960, ano de inauguração da nova capital. Mais que uma publicação de prestação de contas, *Brasília* tinha um projeto gráfico consonante com os ideais modernistas do período e de seus idealizadores, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Contemporânea às publicações *Cruzeiro* e *Manchete*, frutos do então dinâmico mercado editorial do período, *Brasília* traz artigos, depoimentos e reportagens do cotidiano da construção da nova capital com forte ênfase imagética e ampla cobertura fotográfica. Junto a escritos de protagonistas, como Juscelino Kubitschek e Israel Pinheiro, eram destacadas imagens, em diferentes ângulos, do passo a passo da montagem dos prédios nos amplos terrenos. Além disso, seções do periódico, como a “Rodovias”, davam conta da divulgação de imagens de obras paralelas e conectadas à nova capital, como a estrada Belém-Brasília.

Entre os fotógrafos que colaboraram com a revista estão profissionais que já gozavam de prestígio no período, como Marcel Gautherot, Thomas Farkas, Jean Manzon e Woof Jesco von Puttkamer. Desse quarteto, Gautherot e Jean Manzon foram aqueles que mais tiveram fotografias divulgadas pela revista. Além disso, o fotógrafo francês também foi responsável pela elaboração de filmes sobre a nova capital: *Primeiras Imagens de Brasília* (1959) e *Coluna Norte* (1960). Além desses, Mário Fontenelle, que era amigo de Juscelino desde os tempos do governo de Minas Gerais, também tinha muitas fotografias registradas no periódico. De acordo com Cappelo, esses documentos fotográficos apresentados pela revista mostram o projeto e a obra de arquitetura e urbanismo da Nova Capital, marcando a trajetória e a história da construção de Brasília. Publicados em várias revistas nacionais e internacionais especializadas, constituíram-se como parte da difusão da arquitetura moderna brasileira². Alinhadas às concepções desenvolvimentistas dos anos 1950 e 1960, as fotografias enfatizavam, dessa forma, signos de uma modernidade pretendida em meio aos discursos governamentais sobre o “deserto” e “vazio” do planalto central. Analisando as diversas escolas críticas do realismo fotográfico (a ideia de que há uma simples transposição da

² CAPPELO, M. A Revista Brasília na construção da Nova Capital: Brasília (1957-1962). *Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo* [on-line], v. 11, p. 43-57, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4506.v0i11p43-57>. Acesso em: 28/07/2020

realidade para a imagem), Mauad destaca que um dos passos para uma perspectiva nessa chave é compreender que entre o objeto e a sua representação fotográfica existe uma série de ações convencionadas, cultural e historicamente.³ Nesse sentido, a fotografia em si é uma escolha entre tantas outras possíveis, uma atitude estreita com a visão de mundo do indivíduo responsável pelo “clic”. O contexto e as ideias que moveram a produção do material aqui destacado serão privilegiados ao longo do artigo. Inicialmente, vamos destacar aspectos técnicos e editoriais da revista. Posteriormente, as imagens serão as protagonistas, bem como o contexto de produção e as possíveis intencionalidades nos *clicks* dos fotógrafos, a partir do contexto de produção dessas figuras. Infelizmente, poucas das fotografias estão creditadas. Nos números mais avançados da revista, o crédito foi dado aos fotógrafos responsáveis.

Brasília: aspectos técnicos e editoriais

A revista foi pensada originalmente como uma espécie de prestação de contas da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP), empresa-consórcio responsável pelas obras da cidade. A obrigação prevista em lei era de divulgar mensalmente os atos administrativos da diretoria da empresa e os contratos estabelecidos em forma de boletim, que seriam entregues aos deputados, senadores, ministros e autoridades nas repartições federais. A direção da NOVACAP decidiu que a revista deveria ser um meio pelo qual o público acompanharia a construção paulatina de Brasília, com ênfase à linguagem fotográfica:

A administração da Companhia, ao providenciar o cumprimento daquele dispositivo, pareceu de conveniência aditar ao Boletim, a que a lei se refere, algumas páginas iniciais, com a forma usual e comum de revista, estampando-se nestas um noticiário, principalmente fotográfico, sobre a marcha da construção da nova Capital e as informações, de Interesse, relativas ao mesmo empreendimento - de modo a manter o público sempre ao par do que se está realizando e do que se pretende fazer. Assim, as secções que já neste primeiro número apresentamos, mostrando as obras em andamento, os planos urbanísticos e arquitetônicos em estudo, noticiário, opiniões, etc. Quanto ao Boletim propriamente dito, este constituirá a parte final, com a matéria que lhe é pertinente⁴.

³ MAUAD, Ana Maria. *Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografia*. Niterói: Editora da UFF, 2008.

⁴ REVISTA BRASÍLIA, Rio de Janeiro, n. 1, p. 1, jan. 1957.

Figura 1 - Capa da Revista *Brasília* nº1.

Fonte: REVISTA BRASÍLIA, Rio de Janeiro, n. 1, jan. 1957.

O projeto gráfico do periódico se inspirava nas revistas de grande circulação do período, como *Cruzeiro* e *Manchete*. Profissionais de ambas as revistas colaboraram também com *Brasília*. É possível inferir que o fato de ter sido editada no Rio de Janeiro colaborava para a circulação e a contratação de profissionais que atuavam na imprensa daquele período. Junto a isso, havia também o bom trânsito que Juscelino Kubitschek possuía junto aos donos dos grandes grupos de comunicação da época, como Roberto Marinho, do grupo *O Globo* e

Assis Chateaubriand, do *Diários Associados*⁵. A revista Brasília estava inserida em um contexto político turbulento. A historiografia sobre o período destaca os anos JK como um período relativamente estável da democracia brasileira e turbulento nas relações exteriores. Mas isso não significa que o governo não sofria oposição. Brasília está inserida no apêndice do *Plano de Metas*, um ambicioso projeto de governo que previa a construção de um cruzeiro rodoviário com o objetivo de integrar regiões consideradas afastadas, em especial a Amazônia brasileira com a construção da rodovia Belém-Brasília. Na análise sobre os artigos, os livros e as revistas de divulgação sobre a construção da estrada, Andrade destacou que, na maior parte do material pesquisado, existia uma dinâmica de “resposta aos críticos”, estabelecida a partir de uma rede de jornalistas favoráveis às obras do presidente, em órgãos públicos e privados⁶.

Um exemplo é a série de publicações do governo federal (via *Imprensa Oficial*) *Cadernos Belém-Brasília*, com transcrições de reportagens favoráveis à construção da estrada que tinham sido publicadas, anteriormente, em jornais de grande circulação, como o já citado *O Globo*. Dessa forma, a linguagem gráfica de Brasília se insere nessa peculiar propaganda política do governo Kubitschek, que, se não possuía uma agência centralizadora como o *Departamento de Imprensa e Propaganda* dos anos da ditadura do Estado Novo, contava com as boas relações que o presidente tinha com grande parte dos órgãos de imprensa daquele período.

No primeiro número da revista, há um discurso de JK no qual são reforçados alguns aspectos e conceitos sobre Brasília que são constantemente retomados nas fotografias da revista:

Quero abordar, agora, meus patrícios, o problema da mudança da Capital para Brasília. Conheço as críticas aos trabalhos que vêm sendo feitos pelo meu govêrno para transformar em realidade a determinação da Constituição de transferir a Capital para o interior do país. Não sou o inventor de Brasília, mas no meu espírito se arraigou a convicção de que chegou a hora [...] de praticarmos um ato renovador, um ato político criador, um ato que, impulsionado pelo crescimento nacional a que acabo de me referir, virá promover a fundação de uma nova era para a nossa pátria. Somos geograficamente um dos maiores países deste planeta, onde vive um povo em condições de aperto. Em torno de nossa vastidão, os descampados, o país por

⁵ ANDRADE, Rômulo de Paula. Vencidas a distância e floresta!: a Transbrasiliana e a Amazônia desenvolvimentista. *Tempo [on-line]*, v. 25, n. 2, p.363-381, 2019. ISSN 1413-7704. DOI 10.1590/tem-1980-542x2019v250204. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042019000200363&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 abr. 2020.

⁶ Id. A poeira do progresso pede passagem: imagens de natureza e desenvolvimento na floresta amazônica. *An. Mus. paul.* [on-line], v. 26, e14, 2018. ISSN 0101-4714. DOI 10.1590/1982-02672018v26e14 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142018000100407&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 abr. 2020.

conquistar, sítios admiráveis e, no entanto, nos agrupamos à beira do mar, espiando as fases das marés. Constitui um refrão monótono dizermos que necessitamos ocupar o nosso país, possuir a terra, marchar para o oeste, voltar as costas ao mar, e não permanecer eternamente com o olhar fixo nas águas como se pensássemos em partir, em voltar. [...] É a marcha para o interior em sua plenitude. É a completa consumação da posse da terra. Vamos erguer no coração do nosso país um poderoso centro de irradiação de vida e progresso⁷.

A ideia de ocupação de vazios é uma constante nos discursos de Juscelino Kubitschek sobre as grandes obras do período, assim como a ideia de “integração” que o governo levou adiante. Construir Brasília seria o ápice de um movimento do qual JK se vê como sucessor, que é o bandeirantismo, no qual o próprio presidente estaria levando a bandeira de ocupação do interior brasileiro. Esse movimento do litoral para o interior levou a construção de imagens sobre o que seria esse “vazio” a ser ocupada pelo Estado e por seus agentes. As imagens que destacaremos a seguir trazem uma forte carga simbólica desses elementos.

Civilizando os espaços vazios:

As fotografias aqui selecionadas encontram-se em sua maioria na seção “A Marcha da Construção de Brasília” (figuras 2, 3 e 4), onde eram mostradas pouco a pouco as construções de grandes marcos da nova capital, como a esplanada dos ministérios e o palácio da alvorada. Nos primeiros números da revista, existem diversas fotografias que buscam fazer uma espécie de “antes e depois”, no qual as amplas paisagens (“nadas”) eram preenchidas com construções urbanas. A alteração da paisagem da nova capital denotava o avanço do “neobandeirantismo” de JK sobre estas regiões⁸.

⁷ REVISTA BRASÍLIA, Rio de Janeiro, n. 1, p. 1, jan. 1957.

⁸ SILVA, Sandro Duarte. A natureza contra o progresso: mitos e narrativas do “destino bandeirante” na expansão desenvolvimentista. *Textos de História*, v. 17, n. 1, 2009.

Figura 2 - Imagens da construção de Brasília

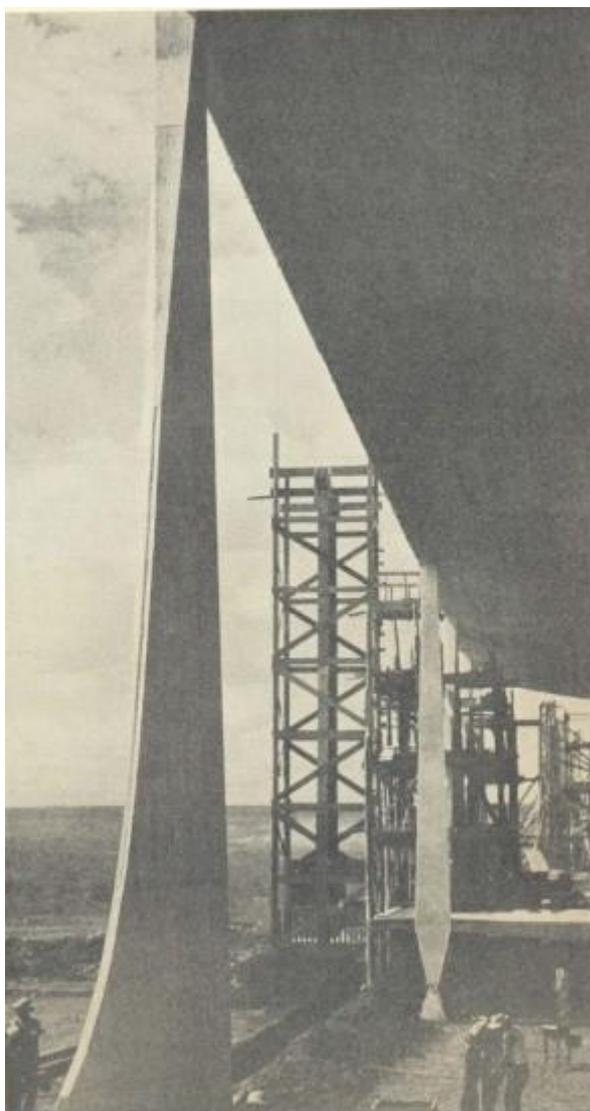


Fonte: REVISTA BRASÍLIA, Rio de Janeiro, n. 3, p. 17, 1957.

Figura 3 - Imagem da construção de Brasília



Fonte: REVISTA BRASÍLIA, Rio de Janeiro, n. 2, p. 2, 1957.

Figura 4 - Início da construção do Palácio da Alvorada

Fonte: REVISTA BRASÍLIA, Rio de Janeiro, n. 12, p. 3, 1959. Fotografia de M. Fontenelle.

Alguns textos que acompanham o primeiro número da revista colaboram para elucidar possíveis intencionalidades nas fotografias aqui apresentadas. É o caso do texto apócrifo que acompanha a figura 2. Nele é possível identificar signos comuns aos textos e às imagens, a saber: máquinas, trabalhadores e construções em oposições às paisagens vazias pré-existentes. Assim como ocorreu a associação entre desenvolvimento/desenvolvimentismo e padrões urbano-industriais, áreas fora dessas normativas passaram a ser associadas a “atraso”:

Homens, máquinas, entusiasmo, ação. E Brasília é uma idéia que se concretiza, um empreendimento que avança em ritmo acelerado. Governo e Nação anseiam por que

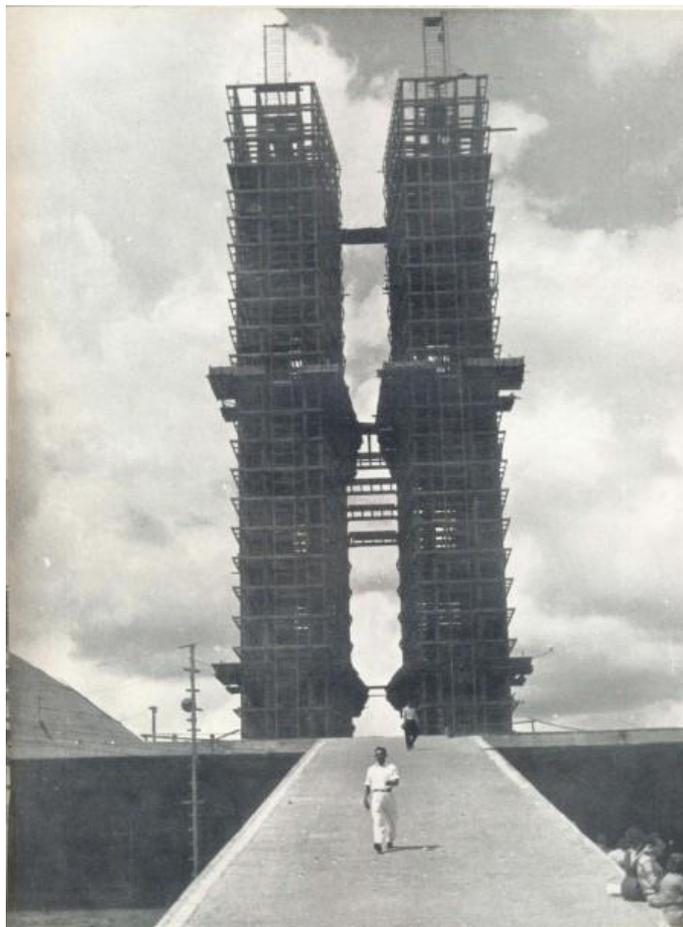
se transformem em realidade os planos da nova *urbs* cuja edificação, no centro do território nacional, modificará profundamente o panorama econômico, social, político e administrativo do país. Aquele põe todo seu esforço, dinâmico e patriótico na abreviação da obra; a Nação acompanha com vivo interesse e confiança a execução do trabalho, ciente de que Brasília constitui a iniciativa mais acertada e mais oportuna para que o Brasil possa, de fato, progredir. Nestas palavras do Senhor Presidente da República encontramos a síntese, o sentido integral da magnífica realização que ora tem lugar em pleno sertão brasileiro: ‘A fundação de Brasília é um ato político cujo alcance não pode ser ignorado por ninguém. É a marcha para o interior em sua plenitude. É a completa consumação da posse da terra. Vamos erguer no coração do nosso país um poderoso centro de irradiação de vida e progresso’⁹.

Conforme Lima e Vieira destacam, o projeto de construir Brasília implicou em um consórcio entre tradição e modernismo, pois atualizou uma recorrente dualidade do pensamento social no Brasil, a oposição litoral-sertão, no âmbito de um projeto modernista. Desde a inclusão do projeto na constituição de 1891, a mudança de capital passou por vários momentos de inflexão nos governos seguintes, mostrando-se ora promissora, ora inviável, ou mesmo ignorada. Isso acontecia devido às constantes mudanças nas ideias sobre as regiões afastadas do Brasil, como a Amazônia ou o Brasil Central – às vezes eram representadas como paraíso, onde a abundância imperava, em outras ocasiões, eram verdadeiros infernos, onde doenças, miséria e pobreza abundavam. O projeto, ressignificado e adaptado aos anseios do Plano de Metas, fez parte da proposta desenvolvimentista do governo, evidenciando a construção simbólica do Estado Nacional, expressão de sua capacidade inventiva de projetar o futuro mediante a integração do território e a construção de um monumento modernista¹⁰. Partindo dessa perspectiva, é possível perceber em muitas fotos a ênfase da chegada na “terra nova”, em referência aos muitos candangos, trabalhadores oriundos, em sua maior parte, de regiões do nordeste, para participar da construção da nova capital.

⁹ REVISTA BRASÍLIA, Rio de Janeiro, n. 1, p. 6, jan. 1957.

¹⁰ VIEIRA, Tamara Rangel; LIMA, Nísia Trindade. Brasília: una ciudad modernista en el sertón. In: GORELIK, Adrián, PEIXOTO, Fernanda Arêas (org.). *Ciudades sudamericanas como arenas culturales*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2016. v. 1, p. 248-263.

Figura 5 - Aspectos da construção do Congresso Nacional.



Fonte: REVISTA BRASÍLIA, Rio de Janeiro, n. 28, p. 13, 1958.

Figura 6 - Trabalhadores chegando a Brasília.



Fonte: REVISTA BRASÍLIA, Rio de Janeiro, n. 6, p. 6, 1957.

A ideia de “Marcha para o interior em toda a sua plenitude”, bem como a “completa consumação de posse da terra” não são novas nos discursos políticos. Ao mesmo tempo, artigos da revista inseriam o processo de ocupação de Brasília dentro de uma continuidade com outras expedições anteriores. Dois exemplos estão nos artigos de Barbosa Lima Sobrinho, logo no primeiro número na revista, e de Horácio Mendes, na *Brasília* 40, edição comemorativa sobre a inauguração da nova capital. Os textos criam uma conexão entre a construção da nova capital e outras incursões na região onde Brasília seria construída. De acordo com eles, o projeto de habitação da nova capital não se iniciou no governo JK, mas sim, com as bandeiras adentrando o planalto central, como a Missão Cruls, no final do século XIX. O primeiro texto, publicado originalmente no *Jornal do Brasil*, estabelece uma análise comparativa entre as mudanças de capitais ao longo da história, com ênfase especial na tramitação do projeto apresentado à Constituição de 1891¹¹. Já Horácio Mendes, então catedrático da Faculdade Brasileira de Ciências Jurídicas (FBCJ – Atual Sociedade Unificada de Ensino Superior e Cultura - SUESC) e autor de diversos livros memorialistas, escreveu um longo histórico sobre a ocupação do território onde a nova capital estava sendo construída. A inconfidência Mineira seria o marco inicial da “Ideologia mudantista”¹². Hipólito da Costa, José Bonifácio e Varnhagen (Visconde de Porto Seguro) eram todos antecessores e ideólogos do mudantismo, cuja culminância só seria possível graças ao protagonismo de Juscelino Kubitschek e pelos trabalhos da Missão Cruls. Ressaltando aspectos heroicos nos trabalhos feitos pela expedição, Mendes reproduz trecho do relatório final escrito por Luiz Cruls, em 1894:

É exuberante a fertilidade do solo; a salubridade proverbial; grande a abundância de excelente água potável; rios navegáveis; extensos plainos sem interrupções importantes; soberbas madeiras de construções de suas grandes florestas; abundância de preciosos minerais e essências diversas; elevação do terreno determinando um menor grau de secura atmosférica e uma temperatura mais fresca do que à primeira vista se poderia supor, em face da sua latitude geográfica; tudo, enfim, que tem as mais estreitas relações com os progressos materiais de uma grande cidade e com o bem-estar dos seus habitantes. Infelizmente, porém, tudo isto é desconhecido, e todo o interior longínquo do Brasil ainda hoje passa por ser país doentio, muito quente e mesmo inóspito. Entretanto, o contrário é que é exato, e do que se segue claramente deduz-se que a natureza fez desigual a repartição dos benefícios do solo do Brasil (como em toda a parte), e os primeiros povoadores, desconhecendo a sabedoria desta distribuição, preferiram as regiões menos férteis e menos salubres na comprida e estreita zona do litoral, sem dúvida pela maior

¹¹ SOBRINHO, Barbosa Lima. A mudança da Capital na Primeira Constituinte Republicana. *Brasília*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 3, 1957.

¹² MENDES, Horacio. Brasília e seus antecedentes. *Brasília*, Rio de Janeiro, n. 40, p. 30-43, 1960.

facilidade do comércio marítimo e das relações políticas com a antiga metrópole e o resto do mundo civilizado¹³.

Como Vieira demonstra, o clima da região e a salubridade local onde seria instalada a nova capital sempre foram debates entre políticos e intelectuais contrários ou a favor da mudança da capital, desde o século XIX até as expedições das décadas de 1940 e 1950¹⁴. Arnold destaca que regiões distantes, consideradas “atrasadas”, sempre sofreram estigmas que relacionavam clima à possíveis “impossibilidades civilizatórias”¹⁵. O trecho meticulosamente retirado por Mendes traz também aspectos comum ao pensamento social brasileiro desses anos: a dualidade litoral/sertão e o desconhecimento do interior. Mas a chave analítica do relatório é positiva em relação às possibilidades do Planalto Central: solo fértil e natureza abundante. Bastaria assim a intervenção do poder público para que as potencialidades locais possam ser plenamente exploradas. Brasília, nas tintas dos apoiadores do movimento mudancista, poderia ser um polo irradiador de desenvolvimento para outras regiões. Um exemplo seria a construção do “Cruzeiro Rodoviário” idealizado por JK, onde diversas estradas levariam as regiões sudeste, norte e centro-oeste à nova capital. A revista explorou esse tema, em especial com fotografias do processo de construção da rodovia Belém-Brasília, que se tornou a maior intervenção governamental na região amazônica. A história, serviria assim, para legitimar a modernidade. O passado, de acordo com Hobsbawm, é uma seleção particular da infinidade daquilo que deve ser lembrado¹⁶. Assim, a abrangência do passado depende, naturalmente, das circunstâncias. Dessa forma, a cronologia sobre o processo de “imperialismo interno” viria de uma longa linhagem de exploradores e missões, tendo como culminância a nova capital. A memória desse processo (que teria origem no século XVI) é constantemente trazida à luz em artigos históricos distribuídos pelos números da revista. Afinal, se a memória é um instrumento legitimador de identidades, a seleção do que se recorda também atua enquanto um instrumento e um objeto de poder¹⁷.

¹³ Ibid.

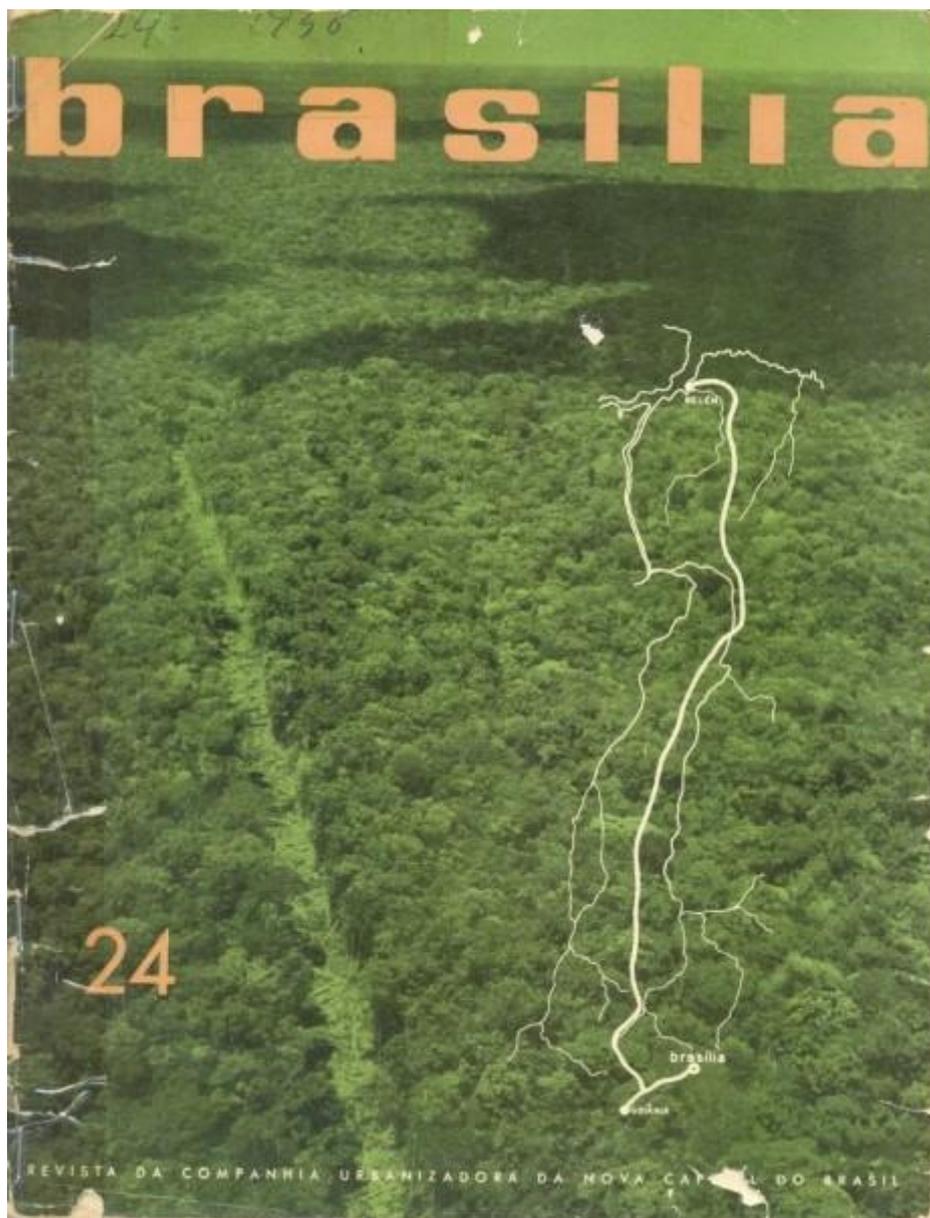
¹⁴ VIEIRA, Tamara Rangel. No coração do Brasil, uma capital saudável: a participação dos médicos e sanitaristas na construção de Brasília (1956-1960). *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [on-line], v.16, suppl.1, p. 289-312, 2009. ISSN 0104-5970. DOI 10.1590/S0104-59702009000500014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702009000500014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 abr. 2020.

¹⁵ ARNOLD, David. *La naturaleza como problema histórico: el médio, la cultura e la expansión de Europa*. Ciudad de Mexico: Fondo de Cultura Económica, 2001.

¹⁶ HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

¹⁷ CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

Figura 7 - Foto aérea do trecho onde seria instalada a Rodovia Belém-Brasília.



Fonte: REVISTA BRASÍLIA, Rio de Janeiro, n. 24, p. 1957.

Figura 8 - Aspectos da construção da Belém-Brasília.

Fonte: REVISTA BRASÍLIA, Rio de Janeiro, n. 22, p. 3, 1958. Foto de M. Fontenelle.

Além dos projetos arquitetônicos de Oscar Niemeyer, outro dos símbolos da modernidade pretendida nos anos JK eram as estradas Belém/Brasília, Acre/Brasília, Fortaleza/Brasília, Belo Horizonte/Brasília e Goiânia/Brasília, que seriam a culminância de um processo de desenvolvimento que tinha uma longa linha de tempo anterior. No texto de Horácio Mendes, JK realizaria com as estradas o que a Missão Cruls propusera em relação às ferrovias. Não à toa, Mendes destaca em seu texto um longo trecho do relatório final da missão, em que a perspectiva positiva sobre as potencialidades locais se sobressai:

É inegável que até hoje o desenvolvimento do Brasil tem-se sobretudo localizado na estreita zona do seu extenso litoral, salvo, porém, em alguns de seus estados do sul e que uma área imensa de seu território pouco ou nada tem beneficiado deste desenvolvimento. Entretanto, como demonstra a exploração a qual procedeu esta Comissão, existe no interior do Brasil uma zona gozando de excelente clima com riquezas naturais, que só pedem braços para serem exploradas. Não conviria, pois, procurar dar àquela imensa região a vida que lhe falta? [...] De fato, entre esta Capital e o centro da zona demarcada de cerca de 970 quilômetros será sempre possível construir-se uma estrada de ferro, cujo traçado no seu desenvolvimento total não excederá essa distancia de mais de 25% [...] Esta distância poderá facilmente ser vencida em 20 horas, admitindo para os trens de passageiros uma velocidade média de 60 quilômetros por hora, incluindo paradas, etc., velocidade

esta inferior de 50 a 60% às velocidades máximas atingidas em diversas ferrovias norte-americanas¹⁸.

Dominichi Miranda de Sá contextualiza a expedição Cruls junto a outros trabalhos exploratórios ocorridos na Primeira República. Um dos emblemas do governo federal daqueles anos era a integração nacional, entendida como um apelo para ocupar e povoar espaços vazios do interior do território¹⁹. Nos primeiros anos da República, o próprio Estado brasileiro organizou viagens científicas que constituíram projetos de modernização e de exploração das potencialidades econômicas do território brasileiro, com o objetivo de promover construção e obra nos portos e estradas de ferro (idem). Nesse referencial se insere a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, liderada pelo astrônomo Louis Cruls, entre junho de 1892 e março de 1892, com vistas à mudança da capital federal.²⁰ Nomeada durante a presidência de Floriano Peixoto e com o objetivo principal de estabelecer a demarcação geográfica da futura capital do Brasil, a comissão realizou estudos geológicos e produziu diagnósticos médicos sobre a região e, como apontado anteriormente, deu cores positivas às possibilidades de desenvolvimento do Planalto Central.

Juscelino, o Neobandeirante

Em estudo sobre a *Fundação Brasil Central*, João Marcelo Maia destaca que os funcionários e outros participantes dessa empreitada utilizavam um vasto repertório de imagens, categorias e conceitos para se referirem aos espaços interiores do país, trazendo reminiscências de narrativas, objetos e personagens como referências ao tratar do objeto de trabalho. Esse simbolismo não caracterizava apenas ideologia justificadora do projeto estadonovista de capitalismo autoritário, mas criava, sobretudo, linguagens específicas que conferiam existência e concretude ao que se acreditava ser o Brasil Central.²¹ Juscelino

¹⁸ CRULS, 1894, p.111 apud MENDES, Horacio. Brasília e seus Antecedentes. *Brasília*, Rio de Janeiro, n. 40, p. 40, 1960.

¹⁹ SÁ, Dominichi Miranda de. Uma interpretação do Brasil como doença e rotina: a repercussão do relatório médico de Arthur Neiva e Belisário Penna (1917-1935). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, p.183-203, jul. 2009.

²⁰ No site <http://doc.brazilia.jor.br/HistDocs/Relatorios/1894-missao-Cruls-023-fotografias.shtml>, encontram-se fotografias e trechos da missão Cruls. Último acesso: 14 abr. 2020 às 18:41.

²¹ Órgão especial criado pelo decreto 5.878 de 4 de outubro de 1943 e, inicialmente, comandado pelo ex-inventor de São Paulo e então diretor da Coordenação de Mobilização Econômica, João Alberto Lins de Barros (1897-1955). A FBC tinha entre seus objetivos declarados "desbravar e colonizar as zonas compreendidas nos altos rios Araguaia, Xingu e no Brasil Central e Ocidental". Essa região era tida como alvo preferencial da chamada "Marcha para Oeste", programa de colonização e ocupação de fronteiras impulsionado por Vargas nos primeiros anos do Estado Novo. Ver MAIA, João Marcelo Ehlert. As idéias que fazem o Estado andar:

Kubitschek em seu livro de memórias (*Por que Construí Brasília*) se coloca como protagonista no processo histórico de ocupação dos chamados “espaços vazios” brasileiros. Além da construção da nova capital, o então presidente inseria a Amazônia no processo de “integração” promovido pelo governo²². A retórica encontrada na revista e nas memórias de JK ecoam a chamada “Marcha Para o Oeste”, um projeto de governo promovido pelo Estado Novo que tinha o objetivo de realizar o “imperialismo interno” brasileiro, a partir de duas chaves: ocupação e saneamento. Como alguns autores demonstraram, a “Marcha” serviu mais como divulgação de “Ideias-força”, do que necessariamente um trabalho efetivo de ocupação interna, ficando tal processo restrito a períodos como a migração nordestina para Amazônia durante a Segunda Guerra Mundial²³. Um dos ideólogos foi o intelectual Cassiano Ricardo, ligado ao Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo, que, inspirado pela obra *The Significance of the Frontier in the American History*, de Frederic Jackson Turner, escreveu sobre o processo de ocupação das fronteiras brasileiras, em *Marcha para Oeste (a influência da Bandeira na formação social e política do Brasil)*. A primeira edição do livro é de 1940, mas na quarta, lançada na década de 1970, Cassiano Ricardo elogiou a presidência tanto de JK quanto dos militares que governavam o país naquele período, por terem continuado o processo de “imperialismo interno” com a construção de Brasília, a construção da rodovia Belém-Brasília e, posteriormente, com a construção da Transamazônica²⁴. Desse modo, as imagens aqui escolhidas reforçam o protagonismo de Juscelino Kubitschek nesse processo, podendo caracterizá-lo como um “neobandeirante”, dada a centralidade do então presidente nas fotografias. Rememorando os processos de ocupação anteriores, e dada à “novidade” trazida pela construção de Brasília, é possível destacar a forte carga simbólica das imagens produzidas sobre a primeira missa na nova capital. Com o presidente ao centro, a imagem ocupou a página inteira da revista, com textos ressaltando o acompanhamento das obras.

imaginação espacial, pensamento brasileiro e território no Brasil Central. *Dados – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, v. 53, n. 3, 2010

²² KUBITSCHKEK, Juscelino. *Por que construí Brasília*. Brasília, DF: Senado Federal, 2000. Coleção Brasil 500 Anos.

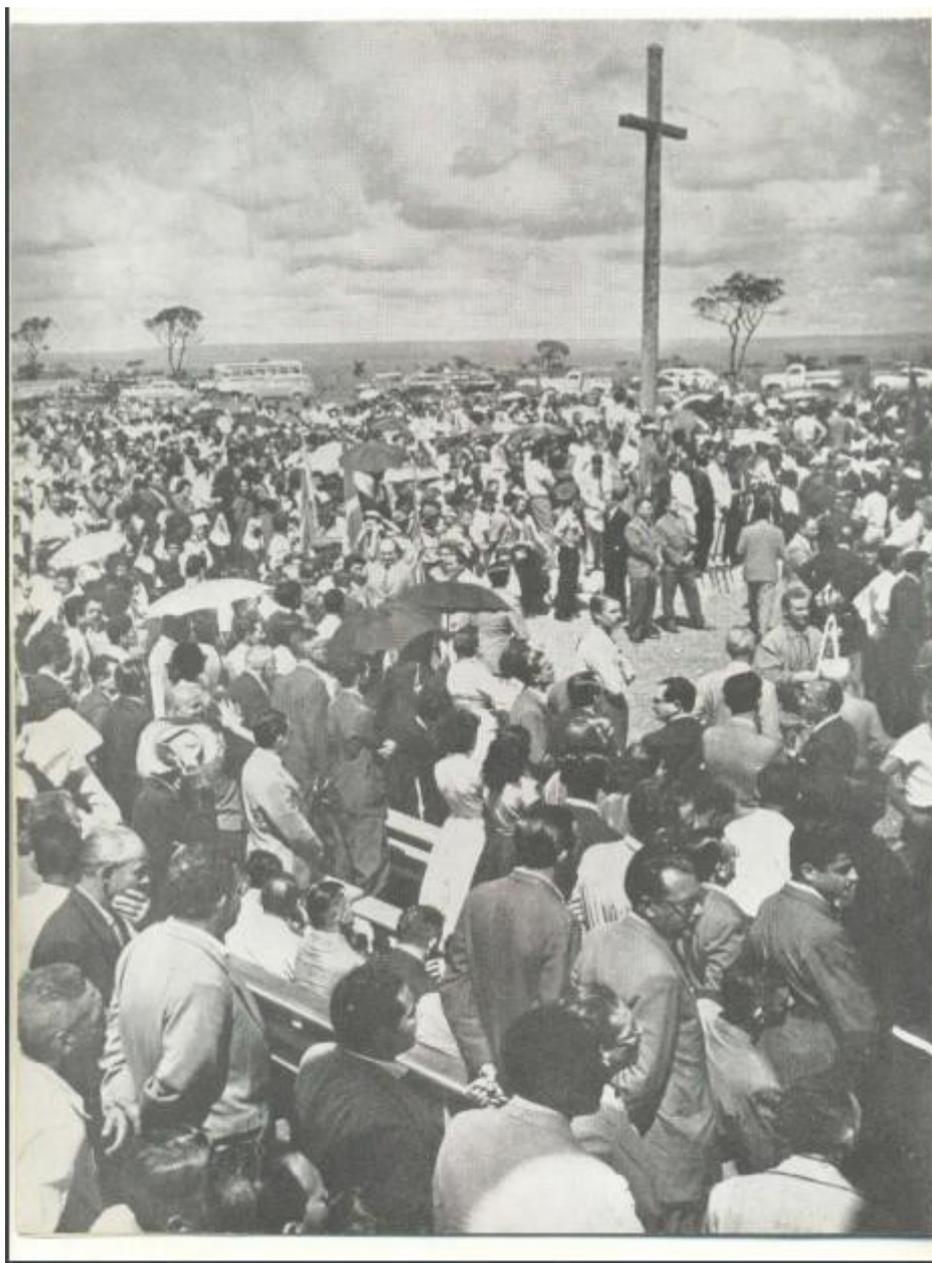
²³ ANDRADE, Rômulo de Paula. Conquistar a terra, dominar a água, sujeitar a floresta: Getúlio Vargas e a revista "Cultura Política" redescobrem a Amazônia (1940-1941). *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum. [on-line]*, v. 5, n. 2, p. 453-468, 2010. ISSN 1981-8122. DOI 10.1590/S1981-81222010000200015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222010000200015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 abr. 2020.

²⁴ RICARDO, Cassiano. *Marcha para o Oeste: a influência da “Bandeira” na formação social e política do Brasil*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Livraria José Olympio Editora, 1970.

Figura 9 - Juscelino Kubitschek e o arquiteto Lúcio Costa localizando a Avenida Monumental e Brasília.



Fonte: REVISTA BRASÍLIA, Rio de Janeiro, n. 4, p. 7, 1957.

Figura 11 – Primeira Missa em Brasília.

Fonte: REVISTA BRASÍLIA, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5, 1957.

A revista ainda continuaria circulando de forma irregular muitos anos depois, mas sem a mesma força. Um ponto que é necessário ressaltar, à guisa de conclusão, é o papel das imagens produzidas para a revista Brasília enquanto constructos desse intenso e violento processo de desenvolvimento levado adiante pelo governo Juscelino Kubitschek. Autores que teorizam e criticam os ideais do *Desenvolvimento* dos anos 1950 ressaltam o aspecto tecnocrata desse processo, em especial na construção de novas paisagens e na tentativa de homogeneização dos espaços, ao elevar os standards urbano-industriais como metas a serem cumpridas por países periféricos, relegando paisagens rurais ou comunidades tradicionais aos

ideais de “atraso”²⁵. As figuras aqui analisadas são um recorte precioso desse momento, possibilitando desenvolver estudos que compreendam de forma sensível a imagética desses processos, que não se limitavam apenas às construções, máquinas, arquiteturas e discursos.

²⁵ ESCOBAR, Arturo. *La invención del tercer mundo: Construcción e desconstrucción del desarrollo*. [S.l]: Grupo Editorial Norma, 1998.